

## **PROPOSIÇÃO DE UM CURRÍCULO DE BIOLOGIA À LUZ DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: IMPLICAÇÕES, DESAFIOS E POTENCIALIDADES**

Ensino de Ciências e Biologia

*Manoelzito Ximenes Gomes Filho – Professor da Secretaria da Educação do Estado do Ceará, Nilson de Souza Cardoso – Professor da Universidade Estadual do Ceará*  
[Manoelzito.filho@prof.ce.gov.br](mailto:Manoelzito.filho@prof.ce.gov.br)

### **RESUMO**

Investigar o Currículo de Biologia nas escolas estaduais de Crateús, no momento em que se espera que a Base Nacional Comum Curricular esteja a caminho de sua implementação, enquanto política de currículo, fomentará o desdobramento de outras pesquisas e de movimentos que mobilizem e ampliem as discussões necessárias a esse contexto. Prevendo que a reorganização das Propostas Curriculares de Biologia, observando a BNCC, se configure em um trabalho significativamente desafiador, conhecendo a atual organização curricular do Ensino de Biologia subsidiou a elaboração de orientações e estratégias que guiarão os docentes nessa tarefa. Assim sendo, ao passo em que se evidencia a justificativa motriz desta investigação, é possível depreender o objetivo maior do trabalho: a proposição de orientações para a elaboração das Propostas Curriculares de Biologia, em consonância com as premissas pedagógicas da BNCC. Imbuída deste fim, a pesquisa descritiva aqui realizada — no segundo semestre de 2019 —, sob a abordagem qualitativa, e apoiada metodologicamente no estudo de caso, dedicou-se a estudar a proposta curricular de Biologia em uma escola da rede estadual de ensino, situada no município de Crateús/Ceará. Por meio da aplicação de Questionários — com perguntas abertas e fechadas — a 05 professores de Biologia e a 03 coordenadores escolares, buscou-se conhecer a proposta curricular da escola, bem como, o significado pedagógico

desse tipo de instrumento para os profissionais questionados. Os dados que foram levantados, e processados sob a Análise de Conteúdo de Bardin (2000), apontaram um prognóstico desafiador quanto ao processo de reorganização curricular a ser implementado, sobremaneira, no que diz respeito à observação dos princípios norteadores da BNCC. A saber, a escola não possuía uma proposta curricular de Biologia; os professores manifestaram insegurança ao lidar com os conceitos de competência e habilidade; e a apropriação teórica acerca da Base demonstrou-se incipiente, seja por parte dos Docentes, seja por parte dos gestores escolares.

**Palavras-chave:** Ensino de Biologia; Proposta curricular; Objetivos de aprendizagem; Orientações.

## INTRODUÇÃO

A homologação da Base Nacional Comum Curricular impôs conhecermos e revisarmos as propostas curriculares. Principalmente, ao objetivarmos uma melhor e maior orientação quando do processo de implementação da mesma. Pois, a BNCC não foi estruturada por disciplinas, e para a qual Brasil (2018) propõe competências e habilidades não direcionadas a este ou aquele componente, significando um importante desafio para o trabalho docente.

Para Garcia (2015), ainda há uma significativa confusão quando tratamos de competências, habilidades e conteúdos. Imaginemos a complexidade da BNCC — de implementação compulsória: as competências/habilidades não são direcionadas nem aos conteúdos e nem aos componentes curriculares da área.

Desta feita, não poderemos prescindir de discussões que pautem os impactos da BNCC na organização atual dos currículos; na prática de ensino; e na prática avaliativa. Com efeito, as questões acima não poderiam suscitar reflexões diferentes, pois: I. “Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá [o que não se cumpriu] direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio [...]” (BRASIL, 2017, p.1); II. “[...]os currículos e as propostas pedagógicas devem garantir as aprendizagens essenciais definidas na BNCC [...]” (BRASIL, 2018, p.476); e III. a BNCC orientará a construção

dos currículos das redes de ensino e das propostas curriculares das escolas. Enfim, um cenário educacional em que pesam as reflexões de Apple (2002):

Que tipo de conhecimento vale mais? [...] a pergunta não é nada simples, pois os conflitos acerca do que deve ser ensinado são agudos e profundos. Não se trata ‘apenas’ de uma questão educacional, mas de uma questão intrinsecamente ideológica e política. (APPLE, 2002, p.39).

E na busca de um caminho que mitigasse tais contingências, acreditamos tê-lo materializado no produto desta pesquisa: Orientações para a Elaboração de Propostas Curriculares de Biologia. Pois: saber o que ensinar; quando ensinar; como ensinar; e como avaliar, conforme nos sugere Coll (2001), pode oportunizar uma prática pedagógica com menos incertezas, menos dúvidas, e menos insegurança. O que fizemos respeitando o protagonismo docente — os próprios professores é que devem pensar, discutir, planejar e elaborar suas próprias propostas curriculares. Do contrário, não superaremos a “[...] divisão entre [...] pensadores de currículo [nós] e executores do currículo [professores] que é hierarquizante [...]” (SÜSSEKIND, 2014, p.1516, grifo nosso).

Finalmente, este trabalho alicerçou-se sobre a possibilidade de: I. conhecer a proposta curricular de Biologia de uma das escolas Estaduais de Ensino Médio de Crateús, analisando o seu Projeto Político Pedagógico; II. descrever a concepção de proposta curricular adotada por coordenadores escolares e professores de Biologia; III. avaliar a proposta curricular de Biologia da escola investigada, identificando os pontos de fragilidade e solidez apresentados pela mesma; e IV. propor modalidades organizativas de atividades, sugerindo exemplos que possam propiciar o desenvolvimento de habilidades.

## **METODOLOGIA**

Adotamos uma abordagem qualitativa segundo Farias, Silva e Cardoso (2011), pois, estudar o currículo de Biologia demandou: compreender o significado de currículo para os professores/gestores escolares; e pensar orientações metodológicas e avaliativas que orientassem o trabalho docente e a rotina pedagógica dos estudantes.

Realizamos uma pesquisa descritiva conforme Rudio (2013): “[...] inserida em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-

los” (RUDIO, 2013, p. 71). O que permitiu interpretar a realidade pesquisada e sugerir orientações para a elaboração de uma proposta curricular de Biologia.

A investigação foi realizada em uma escola pública estadual — Crateús/Ceará — de ensino médio regular e que tivesse a maior matrícula: escolha que Rudio (2013) classifica como amostra não-probabilística intencional, contemplando coordenadores pedagógicos e professores de Biologia.

Orientando-nos pelo conceito de método proposto por Fachin (2001), o Estudo de Caso se constituiu em plano de ação e estratégia, ao passo em que recorremos à pesquisa documental e de campo seguindo os pressupostos de Prodanov e Freitas (2013).

Por fim, enquanto a Metodologia nos instigava a planejar o caminho rumo ao objeto, a coleta de dados nos disponibilizava os instrumentos, recursos, e meios para percorrê-lo. Não para menos, é “[...] preciso que o pesquisador conheça e escolha instrumentos adequados, pensando no que pretende coletar e verificar” (MATOS; VIEIRA, 2001, p. 58). E neste contexto, lançamos mãos da aplicação do Questionário.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Levantados, processados e discutidos à luz do referencial teórico consultado, os dados permitiram identificar as situações que demandam atenção e reflexão. Dentre estas, elegemos aquelas — Quadro 1 — que poderiam orientar a elaboração do produto proposto por esta pesquisa.

Quadro 1 – Situações observadas na escola e que orientaram a elaboração do produto

Orientações Teóricas	Como acontecia na escola		
	Sim	Não	Parcial
Orientações de Coll (2001) – <b>concepção</b> de proposta curricular: <i>proposta curricular concebida enquanto orientação para o que ensinar, quando ensinar, como ensinar e o que avaliar.</i>			
Orientações de Libâneo (2017) – objetivos de aprendizagem: <i>objetivos específicos de aprendizagem como guia do trabalho docente em favor da aprendizagem discente.</i>			
Orientações de Coll (2001) – abordagem dos conteúdos: <i>trabalhar com conteúdos conceituais, de princípios e de procedimentos.</i>			

Orientações de Coll (2001) – o olhar para as intenções educativas: <i>as intenções educativas são concretizadas por meio da concreção dos objetivos de aprendizagem.</i>			
Orientações de Brasil (2018a) – conceitos de competência e habilidade: <i>desenvolver uma prática de ensino com foco no desenvolvimento de competências.</i>			
Orientações de Luckesi (2013) – avaliação: <i>avaliação como processo diagnóstico e orientador as intervenções pedagógicas.</i>			
Orientações de Ausubel (2003) – aprendizagem significativa: <i>ganhos pedagógicos trazidos pela observação dos conhecimentos prévios dos estudantes.</i>			

Fonte: elaborado pelo autor.

Desta feita, observando os pontos de atenção/reflexão acima, elaboramos um produto denominado Orientações para a Elaboração de uma Proposta Curricular/Biologia. Produção estruturada com a intenção de auxiliar os professores na construção de suas próprias propostas curriculares, objetivando a superação e/ou consolidação das situações apresentadas no quadro acima.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta curricular da escola não nos permitia acessar os objetivos de ensino, metas e formas de avaliação do componente curricular Biologia.

A proposta era concebida como uma relação de conteúdos, não observando a orientação de Libâneo (2017): justificativa do componente; objetivos de aprendizagem; e desenvolvimento metodológico. Prescindindo do que Coll (2001) e Sacristán (2013) priorizam: o como ensinar.

Planejar, ensinar e avaliar por uma proposta curricular, não era uma prática consolidada. E nessa configuração de proposta, reproduzir o sumário do livro assumia a dimensão do que ensinar, fomentando uma prática de ensino e aprendizagem vulnerável: Sacristán (2013) nos lembra que os livros carregam interesses editoriais e culturais descontextualizados dos alunos.

Ensinar por competências era um conceito vagamente compreendido, ou, não compreendido. Algo explicado por dois motivos: I. a implementação da BNCC em fase

inicial; e II. somente em novembro do mesmo ano é que a SEDUC iniciou a consulta pública sobre o documento referencial curricular do Ceará.

Quanto à avaliação, algo sinédoque: concebiam a avaliação enquanto instrumento de coleta de dados para o processo avaliativo e/ou estratégias de avaliação.

A partir disso pudemos nortear o que pensar, planejar, e organizar enquanto orientações para a elaboração de uma proposta curricular.

## REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. Repensando ideologia e currículo. In: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Currículo, cultura e sociedade. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002. Cap. 2. p. 39-58.

AUSUBEL, David P. A natureza do significado e da aprendizagem significativa. In: AUSUBEL, David P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Portugal: Plátano, 2003, cap. 4, p.71-104.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é base.** Brasília, 2018. 600 p.

BRASIL. Lei n.º 13.415 de 16 de fevereiro de 1997. Diário oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, n. 35, 17 fev. 2017. Seção 1, p. 1-3.

COLL, César. Psicologia e Currículo: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. 5. ed. São Paulo: Ática, 2001. 200 p.

FACHIN, Odília. Métodos científicos. In: FACHIN, Odília. Fundamentos da metodologia: Métodos específicos das ciências sociais. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. Cap. 2. p. 25-58.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SILVA, Silvina Pimentel; CARDOSO, Nilson de Souza. Métodos de pesquisa - algumas possibilidades. In: FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SILVA, Silvina Pimentel; CARDOSO, Nilson de Souza. Metodologia da pesquisa educacional em Biologia. Fortaleza, CE: SEAD/UECE, 2011, cap. 2, p.27- 58.

GARCIA, Lenise Aparecida Martins. Competências e Habilidades: você sabe lidar com isso? 2015. Revista Educação Pública. Disponível em:  
<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0023a.html>. Acesso em: 22 jul. 2020.

LIBÂNEO, José Carlos. Os objetivos e conteúdos de ensino. In: LIBÂNEO, José Carlos, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. Cap. 6. p. 131-194.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Verificação ou avaliação: o que pratica a escola. In: LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2013, cap. 3, p.38-53.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Leshner. Técnicas de coleta e análise de dados: instrumentos para saber mais. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. Pesquisa educacional: o prazer de conhecer. Fortaleza, CE: Demócrito Rocha, 2001, cap. 3, p.57-68.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Pesquisa científica. In: PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013. Cap. 3. p. 41-118.

RUDIO, Franz Victor. Coleta, análise e interpretação de dados. In: RUDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Cap. 8. p. 111-129.

RUDIO, Franz Victor. Pesquisa descritiva e pesquisa experimental. In: RUDIO, Franz Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Cap. 5. p. 69-86.

SACRISTÁN, José Gimeno et al. O que significa currículo? In: SACRISTÁN, José Gimeno et al. Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013. Cap. 1. p. 16-37.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. As (im)possibilidades de uma base comum nacional. E-curriculum, São Paulo, v. 12, n. 03, p. 1512-1529, out. 2014.